



Sem espaço nos cemitérios públicos da capital, corpos são sepultados de qualquer maneira, desobedecendo as leis e pondo em risco a saúde da população

EM MACEIO. Modelo de sepultamento ultrapassado provoca a contaminação do solo e do lençol freático

Cemitérios públicos são um risco à saúde e ao meio ambiente

Estudo recente mostra que a qualidade da água em alguns bairros está comprometida por causa do líquido que sai dos corpos em decomposição

JAMYLLÉ BEZERRA
REPÓRTER

Um problema silencioso e invisível aos olhos pode estar ocorrendo pelas torneiras de muitos maceioenses, que moram no entorno de alguns cemitérios localizados na parte baixa da capital alagoana e que fazem uso de água de poços escavados clandestinamente. Estudo recente mostra que a qualidade da água em alguns bairros tem sido comprometida não só pela falta de saneamento, mas pelo líquido que sai dos corpos em decomposição e atinge diretamente as águas subterrâneas. É o necrochorume, que possui uma aparência viscosa de cor castanho-acinzentada e é formado por bactérias que podem acarretar sérios problemas para a saúde humana.

O modelo de sepultamento adotado pelos cemitérios públicos da capi-

tal está ultrapassado e é apontado como uma das causas do problema ambiental e de saúde pública. No Cemitério São José, localizado no bairro do Trapiche da Barra, os corpos são sepultados em covas rasas, sem nenhum tipo de proteção que possa evitar a contaminação do solo por meio da infiltração do necrochorume.

A falta de manutenção dos túmulos pelas famílias responsáveis também é outro problema. Muitos deles estão quebrados ou possuem grandes rachaduras, o que facilita a exposição das pessoas, inclusive aos restos mortais. E não é preciso procurar muito para encontrá-los. Pedacos de ossos estão espalhados por todas as partes. Alguns túmulos ficam completamente abertos, e sacos plásticos contendo os restos mortais do sepultado estão expostos para quem quiser ver.

Risco

A coleta da água para a pesquisa foi feita nos poços localizados nos próprios cemitérios, que utilizam a água para irrigação e limpeza do local

A Superintendência Municipal de Controle do Convívio Urbano (SMCCU) está ciente da situação e admite que os cemitérios públicos de Maceió possuem um modelo ultrapassado e estão com a capacidade esgotada. A contaminação do solo e dos poços também não é novidade para o órgão.

“Você não precisa de nenhum estudo para saber que há contaminação do solo e da água dos poços localizados nos cemitérios. Eu tenho certeza de que essa história é verdadeira, porque as covas são feitas no chão, sem nenhuma proteção. A situação dos cemitérios é caótica. Eles já não comportam mais sepultamentos, estão ultrapassados”, afirma o superintendente-adjunto da SMCCU, Alfredo Gazzaneo.

Um estudo realizado por profissionais da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e divulgado em meados de 2012 comprovou a contaminação das águas subterrâneas provocada pela atividade cemiterial em Maceió. As análises da qualidade físi-

co-química e bacteriológica foram feitas nos cemitérios Nossa Senhora Mãe do Povo, em Jaraguá, e São José, no Trapiche, onde o lençol freático fica muito próximo à superfície e por isso é considerada uma região vulnerável, sujeita à contaminação.

A coleta da água para a pesquisa foi feita nos poços localizados nos próprios cemitérios, que utilizam a água para irrigação e limpeza do local. O resultado da análise do material coletado não surpreendeu, indicando que as águas não apresentam condições higiênicas e sanitárias para o consumo humano.

No total, foram feitas coletas de água subterrânea em quatro poços já existentes. Todos eles apontaram a presença de coliformes. No Cemitério São José, no entanto, também foram encontradas bactérias proteolíticas, o que sugere a contaminação do aquífero por necrochorume, devido ao modelo de sepultamento realizado.

“Os resultados apresentados dão indícios de con-

taminação das águas subterrâneas na Região Metropolitana de Maceió, que provavelmente tem origem em função das atividades antrópicas e das potenciais fontes poluidoras, dentre elas os cemitérios”, destaca a professora Flávia Vieira, mestre em Recursos Hídricos e Saneamento da Ufal e responsável pela pesquisa.

A Companhia de Saneamento de Alagoas (Casal) alerta para os perigos que a perfuração de poços clandestinos pode acarretar para a população. De acordo com Elane Pereira, da Gerência de Controle Ambiental do órgão, os poços cavados clandestinamente geralmente possuem pouca profundidade, o que pode facilitar ainda mais a contaminação da água.

“A Casal não possui nenhum poço próximo a cemitérios. Se eles existem, são todos clandestinos, e o mais indicado é que essa água não seja utilizada”, destaca Elane, afirmando que no período chuvoso o risco de contaminação do solo e, consequentemente, da água, é bem maior.

Precário

Corpos são sepultados em covas rasas, sem nenhum tipo de proteção que possa evitar a contaminação do solo por meio da infiltração do necrochorume

Monitoramento dos poços não é realizado pela prefeitura

A situação dos poços existentes nos cemitérios é de abandono. O monitoramento das águas, que deveria ser feito a cada seis meses pela Secretaria Municipal de Proteção ao Meio Ambiente (Sempma), não vem sendo realizado. A água que eles armazenam fica exposta, a céu aberto, e é um convite inclusive para o *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue.

No Cemitério São José, por exemplo, existem cinco poços, e no Nossa Senhora da Piedade, um. A água deles é utilizada pelos funcionários para irrigação e limpeza geral do local, o que, segundo a representante da Casal, representa risco para os fun-

cionários, caso eles não usem os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs).

A Sempma não soube informar quantos são os poços existentes nos cemitérios públicos da capital. De acordo com o secretário Raphael Wong, que assumiu recentemente o cargo, um levantamento ge-

Perigo

No Cemitério São José e no Nossa Senhora da Piedade, a água dos poços é utilizada para irrigação e limpeza, o que, segundo a Casal, representa risco para os funcionários

ral, que possa dar um diagnóstico da situação dos cemitérios de Maceió, será realizado em breve. Mas ele adianta que vai indicar que a SMCCU – responsável pela administração dos cemitérios – passe a fazer a impermeabilização das valas onde são enterrados os corpos, a fim de reduzir os riscos de contaminações.

Outra medida que ele promete adotar é a implantação dos chamados poços brancos – que ficam localizados antes do lençol freático e servem de parâmetro para medição da qualidade da água –, e dos poços de monitoramento, que não existem nos cemitérios públicos da capital. “As análises das águas não



De acordo com o secretário Raphael Wong, que assumiu recentemente o cargo, um levantamento sobre a situação dos cemitérios de Maceió será realizado em breve

vêm sendo feitas e não existem poços de monitoramento, mas vamos fazer um diagnóstico da situação e adotar as medidas necessárias”, afirma o novo secretário municipal.

Nos dois cemitérios particulares de Maceió, que

fazem parte do Grupo Parque das Flores e ficam localizados na parte alta da capital, a situação é bem diferente daquela encontrada nos cemitérios públicos. O solo passa por um processo de impermeabilização antes de ocorrer o

sepultamento e existem poços de monitoramento das águas, cujos resultados das análises – feitas a cada seis meses – têm sido satisfatórios, não apresentando índices de contaminação das águas. **JB O Leia mais na página D2**